

N.º 128 -- LISBOA, 25 DE JUNHO

3 ANO 1910

A PARODIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa, provincias e Africa serie de 36 numeros 500 reis Lisboa, provincias e Africa serie de 36 numeros 12000 Cobrança pelo correio custa 100 Estrangeiro, accresce o porte do correio.</p> <p>Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p>Publica-se ás quartas-feiras</p> <p>PROPRIETARIOS</p> <p>RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO E M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p> <p>Redacção -- RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR -- GONZAGA GOMES Administração -- R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p> <p>Composição: Minerva Peninsular 111, Rua do Norte, 113</p> <p>Impressão: Lythographia Artistica, Rua do Alameda, 32 e 34</p> <p>EDITOR -- CARDEIRO CHAVES</p>
---	---	---



EXPANSÕES... COLONIAES

Fado e Malagueña

FSTIVÉRAM entre nós, em villegiatura amena, varios illustres hespanhoes, que não eram positivamente comicos nem eram positivamente toureiros. Eram jornalistas.

A nossa indiferença nacional não lhes concedeu uma brilhante hospitalidade. Massamol-os officialmente com visitas que não os interessavam. Nem sequer vinham, como qualquer curioso anglo-saxão, buscar a Portugal o imprevisito dos lindos céus e do lindo sol. Viram monumentos, collégas e reliquias. E, acima de tudo, retiraram-se na convicção absoluta de que, aos hespanhoes, Lisboa prefere indubitavelmente... as hespanholas.

Mas, o que é certo, é que a cordealidade de relações entre os dois povos se mantem inquebrantavel.

Portuguezes e hespanhoes, cumprimentam-se affavelmente e trocam amabilidades. As *majas* de Goya dão o braço ás *sécias* de capote e lenço. Continuamos a estimar-nos e a notar reciprocamente os mesmos defeitos. Para nós o exaggero é «uma hespanholada». Para elles o exaggero é «uma portuguezada». Lope de Véga chamou-nos — apaixonados. Nós recompensamos a gentileza amando-lhes as mulheres e devolvendo-lh'as ricas para a Andaluzia.

O beijo entre os dois povos é mais do que um beijo fraternal: é um beijo d'amor.

Entretanto, as agencias hespanholas continuam a desacreditar-nos telegraphicamente no estrangeiro. Consignámos Moçambique, — dizem uns. Estamos em crise e em revolta, — dizem outros. De resto, sempre que podem, nas suas conferencias e nos seus livros, contestam-nos systematicamente as nossas excellencias tradicionaes. Se lhes falamos em Gil Vicente, falam-nos immediatamente em Juan de la Encina. Porque o pae de Velasquez era portuguez, — são capazes de pôr em duvida a honra da mãe, só para poder provar que o grande pintor era hespanhol.

Mas ás coisas compensam-se. Elles despem-nos das nossas glorias. Nós despimos-lhe as *Glorias* d'elles.

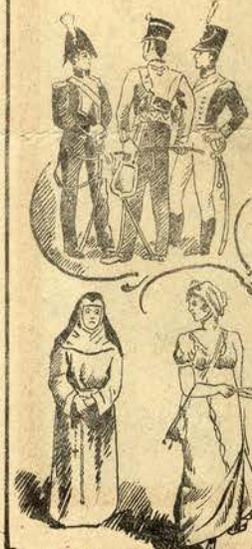
Apesar de tudo, os illustres hespanhoes que nos visitaram, retiraram-se senão satisfeitos com as effusões da hospitalidade, ao menos convencidos da harmonia internacional que liga n'este momento historico o fado á *malagueña*.

O que de resto não admira n'uma terra onde a *malagueña* dá um tão grande contingente para o fado.

THYRSO.

BIBLIOGRAPHIA

Pequeno. É nos pequenos frascos que se guardam as grandes essencias. Um forte talento ao serviço d'uma justa ambição. Uns bellos olhos illuminados que têm lá dentro um mundo. Como romancista, produz cada anno uma novella de quatrocentas paginas, com a pontualidade saxonica com que as mães inglezas produzem filhos. Como parlamentar, faz discursos preciosos á Garrett, com a correção atheniense de quem recita uma oração de Academia. No discurso sobre Gil Vicente, pôz a litteratura ao serviço da politica. Nos *Telles d'Albergaria* pôz a politica ao serviço da litteratura. Entrou na gloria pela mão do *Filho das Ervas*. Entrou no parlamento pela mão do sr. Hintze Ribeiro. É uma affirmação dentro d'um *bonbon fondant*, um grande espirito sobre dois palmos de corpo. O *Diario das camaras* sepulta-lhe o discursos, como a um vencido. A paixão de *Maria do Céu* atirou-o para a luz, como a um vencedor. E enquanto a inveja dos *mi-nores* ainda duvida de que esteja ali um grande romancista, a sombra amiga d'Eça estende lhe a mão, familiarmente, luminosamente: — Como está, mano?



OS ESTRANGEIRISMOS*



O Sr. Dr. Candido de Figueiredo, que á viva força quer obrigar toda a gente a falar e escrever com acerto, não se poupano, para isso, a uma faina árdua que lhe tem levado annos — annos de vida e annos de paciencia, publicou agora um novo livro particularmente destinado a corrigir o abuso que dos estrangeirismos se está praticando na linguagem portuguesa.



Nós, que muito nos prezamos de ser nacionalistas, não na accepção politica do termo, mas na sua accepção genérica, entusiásmo-nos tanto com a leitura d'esse livro, que fômos procurar o illustre professor á redacção do *Diario de Noticias*, para lhe dar um grande abraço.

E da porta da redacção, já de braços abertos, corremos ao seu encontro, bradando:

— Mestre! querido Mestre!



A este brado de respeito e de sinceridade, um cavalheiro já idoso, que ali estava a escrever direito por linhas tortas, ergueu-se precipitadamente do seu logar e correu para nós, a lançar-se-nos braços.

— Oh! nosso amado discipulo...



Era o Sr. Oscar May, que tem a mania de ter sido mestre de toda a gente no Colégio Militar.

Desfeito o engano, dirigimo-nos então ao Dr. Candido de Figueiredo, que nesse momento explicava, pela millessima vez, a um dos seus consulentes, as razões por que devemos dizer *boné* e não *bonnet*...

Fomos recebidos optimamente.

O Dr. Candido de Figueiredo é tão amavel no trato como na lexicologia. Offerceeu-nos logo um accento tonico e um charuto *Lá Caça*.

Depois, riscando u'n phosphoro:

— Quem dá o charuto, dá o phosphoro... disse-nos o illustre professor.

Pegámos logo no phosphoro:

— Phosphoro, ou fósforo?

— Se fôr dos meus, é fosforo. Com *ph* é phosphoro de luxo.

Mas o fósforo apagou-se. O Dr. riscou outro.

— Aqui tem mais fogo. Queira acender com este...

Não largámos o fogo:

— Acender, com dois *cc* ou com um *c* só? Nisto apagou-se-nos o segundo fósforo. E então o Dr. riscando terceiro:

— Acender, só com um *c*, mas, pelo menos, com tres fosforos!

Seguidamente, entrámos no motivo da nossa visita. Fomos calorosos no enaltecimento da sua bella obra. E a conversa voltou-se para os estrangeirismos.

O Dr. Candido de Figueiredo, que é implacavel para as deturpações da lingua como um escrivão de fazenda para as decimas em atrazo, referiu nos então alguns dos *casos clinicos* mais curiosos que lhe têm apparecido na therapeutica da linguagem.

— No capitulo dos gallicismos, tenho visto e ouvido coisas pavorosas. Ha pouco tempo ainda dizia um nosso critico de theatro, a proposito de uma recita em D. Maria: — «De todos os trabalhos de Garrett, temos *no Frei Luis de Sousa* um chefe d'obra...»

— Queria referir-se ao Posser... aventamos nós.

— Ao Posser?!

— Sim, ao Posser... Mas com a differença de que o Posser não é chefe d'obra: é chefe de repartição!

O Dr. continuou:

— Num outro critico, tambem de theatro li eu isto, algures: «A juvenil actriz fez o seu debute com a *Morgadinha*...» Ó Senhor! quando eu vejo estes galliciparlas a escrever *debutes*, sempre me assalta uma tentação de lhes assentar um par de *butes* ao fundo da espinha!

Cumprimentámos o Dr. pelo trocadilho, que parecia nosso. Elle continuou:

— Constituida nos fins da idade-média com elementos célticos, latinos, grêgos, árabes e góticos, a lingua portuguesa tem recebido nos ultimos cinco séculos as mais va-

riadas contribuições, desde a influencia do francês, até á do tupi, do guichua, do carai-ba, na América; do quibumbo e dialectos cafreaes, na Africa; do chinês, do tamul, do malaio, na Asia e na Oceania, todos os dialectos e todas os linguas...

— Falta uma... observámos nós.

— Qual?! quiz o Dr. saber, arregalando os olhos.

— A lingua do Marcelino Mesquita!

A proposito d'este nome, mas abrindo para elle uma bem justa excepção, o Dr. Candido de Figueiredo exprobrou duramente os escriptores de theatro que atiram (vae mesmo com o calembur) para a scena peças sobre peças, sem querer saber da linguagem em que as servem ao respeitavel publico. E veiu o pello o falar-se de um festejado auctor que dias antes tivera a consagração da 15.^a de uma sua peça.

— Tem muito talento, esse rapaz, dizia-nos o Dr. Mas devia cuidar mais de apurar a penna.

O Dr. anda muito alheio ao nosso mundo dos theatros.

Explicámos-lhe que os nossos auctores dramaticos, em cada nova peça que fazem, pensam sempre muito mais em apurar uns quatrocentos mil réis.

Nisto, interrompendo a escripta, o Sr. Oscar May perguntou, em voz alta, lá do seu logar:

— O Candido de Figueiredo: Cardoso tem accento?



— Qual Cardoso?

— O Cardoso do Gymnasio...



— Se tem! E um grande accento, enorme circumflexo!

O OUTRO EU.

* Os *Estrangeirismos*, resenha e commentario de centenas de vocabulos e locuções estranhas á lingua portuguesa — por Candido de Figueiredo, da Academia Real das Sciencias—Tavares Cardoso & Irmão, editor, Lisboa. 1 vol., 320 pag. 700 réis.

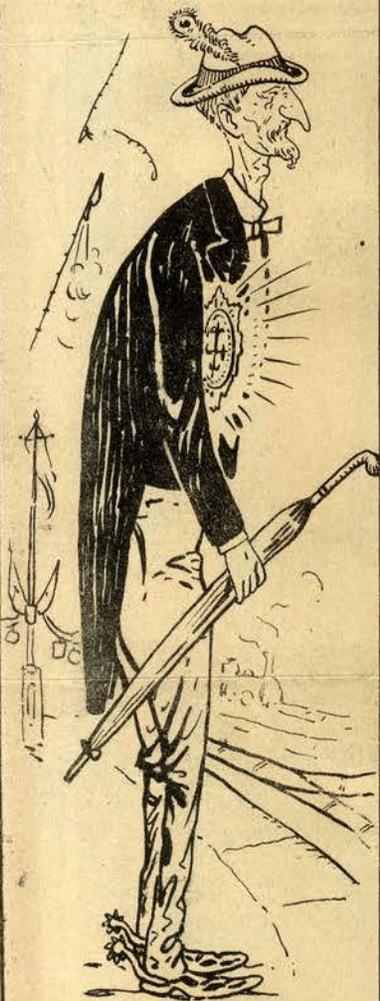
ALTA RODA

Diálogo entre meninas



— Afinal que entendes tu, por *flirt*
— Ora, tudo, excepto tudo.

A PARODIA em Valença ou Valença na PARODIA



O festeiro das festas

A COROAÇÃO

Vão coroar Eduardo. — Eduardo rejubila,
Mas permanece calmo. A Realeza é tranquilla.
Ninguém fala em remorso e terminou a lucta.
Eduardo suspira e Soveral escuta. —
El-Rei fuma. Um saxonio obeso e pesado,
Todo joias a arder e a ensanguentar-lhe a mão.
Quasi calvo. O arthritismo invade a Magestade.
Ha mil caras assim, feitas por Van Ostade;
Menos rubras, talvez, e pouco menos reaes.
Começam com vagar os ensaios geraes.
Ensaia-se a corôa: é uma reliquia velha,
Toda d'oiro batido e de séda vermelha.
A olhal-a, a Magestade ha tres noites não dorme.
— Mas o craneo é pequeno e a corôa é enorme.
A Magestade vê, calcula, inventa, pensa:
— Mas a cabeça é exigua e a corôa é immensa.
Soveral faz notar, em tres géstos hellenos,
Que ha corôa de mais ou cabeça de menos.
El Rei p'ra se coroar, como o ritual professsa,
Ou aperta a corôa ou alarga a cabeça.
Cogita a Magestade. Um silencio profundo.
— Mas o craneo é um nada e a corôa é um mundo!



N'isto, Chamberlain vem, glabro como um palhaço,
Chega-se á Magestade e toca-lhe no braço.
Põe-lhe uns oculos d'oiro, uma barba já branca,
Uns cabellos de neve em vez dos que lhe arranca,
Procêde á maquillage, e muda de repente
O grande Rei Eduardo em Krüger presidente.
Collocam-lhe a corôa, — e então, que differença!
A corôa era exigua, a cabeça era immensa!

THYRSO.

TÉSTAS COROADAS

VIVA
EL-REY
NIÑO



GOD
SAVE
THE
KING



Com menos colonias

Com mais colonias

M. Gustavo